sérgio alcides

O Ar das cidades

Edições Quem Mandou?

O *Ar* DAS CIDADES

Sérgio Alcides

O *Ar* DAS CIDADES

Poemas, 1996-2000

2ª edição

Edições *Quem Mandou?*
São Paulo
2007

2007
Edições *Quem Mandou?*
quemmandou@gmail.com

Para
Maria Rita

SUÍTE

Guardado

Abro a porta do velho cheiro
e desperto.

Revém e disperso.

Nunca tão perto.

Minha pele, qual limite?
Meu redor, quem habite?

O armário me desarma
e aberto.

Recordação

‘A região esta não era’.
C. M. da Costa

Dei por mim
e estava enganado.

Sei de cor
porque inventei

meu retrato com o tempo
abraçados e sem dor

(fui tirando a dor aos poucos,
decorando).

Esta praça, eu não era
o que sou.

Lembrança

Está combinado: lembrei.

Mergulho numa lacuna,
escolho a forma do nado.

Meu cardume sai comigo, vermelho,
de mim, do aquário derramado

na água preta do seu próprio lago
– que nos reúne.

Maquinaria

Levanto o tapa-olho
para espiar melhor
os sete mares do quarto.

En garde!
Em dia de recordação
também tem espetáculo.

Range

porque o cordame
agüenta mal
a volta do velho cenário.

Reapresentando: a récita inédita.

Mas não arrebenta.

Volta ao Coração

Vem o sangue
nadando a montante.

Não é o passado que retorna
e me percorre o corpo a cada poro

sou eu mesmo
presente / ausente
que não tenho onde escorar

e coro

desamarrado no tempo
jamais devolvido a mim.

Coral

Sopra em meus ouvidos
a flauta doce-amarga

encantadora de peles abandonadas
há muito esquecidas de rastejar
e onde não caibo mais.

Passo estreito pelo seu bambu
– cada nota é um furo:

Guizo. Tremo. Veneno.

A presa morta me apreende
e fisga.

Frasqueira

Atenção: é só uma lembrança
a frasqueira onde viaja
o remédio.

Os frascos não existem mais.

Abro o poema,
– cuidado com os estilhaços!

Aspiro o perfume da cura
que evapora rápido.

Empresto uma respiração
que se deixe impregnar.

Texto

Com a mão esquerda
para lembrar melhor.

Este desenho é meu esforço
e aprendo: vivi.

Que fazer com as experiências
além de experimentá-las
sempre sem ciência?

Mas não, me iludo;
este tremor não é pureza.

O AR DAS CIDADES

Stadtluft macht frei.
(‘O ar das cidades liberta’).
Provérbio alemão do século XIII

Estatueta

Encontro o cavalo em pedaços
na calçada. Monto.

Pó de mármore. Memória
só tem nobreza quando, rompida,
não serve mais de ornamento.

Faço disto um cavalo de batalha.

Cavalgo em pedaços
para várias direções, recolho
os dias, os quartos, os troncos.

Tudo sujo do chão presente.

Um ‘Slide’

Mal consigo ler
a cidade no meio das letras
a gente fora dos *outdoors*.

Há muitos destroços
de palavras e luzes, rebites e *bits*
cobrindo o coração.

Suponho que tem um coração (e erro).

Não distingo seu ruído pelas ruas
que clamam, digitais.

Ponho este poema – um
slide – deitado na linha do horizonte.

Não desisto de desatar o enleio dos edifícios
na paisagem-pregão.

Se houver um desabamento
o poema ficará no ar
escorado

nos gritos.
Mas os letreiros, não.

Acordar na Fonte

Não era de vidro
o olho que acendeu já vidrado

à revoada dos pombos
na praça da poeira desassossegada,

à passagem das saias de verão
na manhã que deslizava muito desatenta.

Jogos d'água.
Fingimos, imitamos a estátua, que finge.

Agarrei este nada? Nem isto.
Só o visco do sonho em que

(desperto)

não sonhei nem fui sonhado.

Às Minhas Costas

As portas do metrô mastigam
o ar condicionado.

Estou em trânsito, com os demais.
Percorremos a rede incorpórea
que há de permanecer.

Não se ultrapassa a linha amarela.
Nada cheira. E a escada rolante
– áspera via – até se alegoriza

ao conduzir-nos de volta ao simulacro
passageiro das avenidas.

Na saída, ponho os óculos escuros.

Na Praça

Se gritarem, não fui eu.

O banco empenado mal consegue
ser o avesso de um penedo.

Flora, fauna, guimba,
dívida, patins e cabelo

são as oferendas.

Recebo. Fico um pouco mais.
E vou, paralelo à nuvem.

Vou ao Parque

Se ligarem, não estou.
Se morrerem, me procurem
com os leões.

O primeiro agarra sua presa
congelado em *flash* aberto,
mordendo, querendo fundir-se.

O outro ameaça uma ameaça;
mas tem a couraça de bronze
acorrentada ao pedestal.

No lugar do urro, vôo de pomba
no lugar do pêlo, pátina, e da pata,
uma garra de remorso.

Parecem Ter Pressa, Mas Não

Olho para o alto e vejo pela nesga livre
o tráfego de nuvens

(não sinto o menor frêmito nos pés
à corrida da sombra que não deixa rastros
nem varre os meus).

Entro e saio dos edifícios,
perenes indícios, que apontam sem disparar.

Penso nos primeiros olhares para o alto
desta latitude, no tempo rupestre,
como labaredas em sacrifício.

E queimo, sem queimar o céu.

Poema de Bolso (Com Brasão)

Vem o cachorro até o ponto de ônibus,
seu olhar é um lago, sua pesquisa
lenta, seu deitar-se recolhido.

Subo. Carrego tranqüilo
meu lobo guardado no bolso,
roubador e faminto. Arrebatante.

Com licença, segue o faro.
Redil não se vê. É noite? É dia?
Freada. Ganido. Viação até o fim.

Passageiro do passageiro,
pensar que é ronda ainda estar vivo.

Valsa de Uma Cidade

Vento do mar no meu rosto,
gosto de você.

Este céu, este sol, esta gente
a queimar.

Bem que eu quis escrever
um poema de amor.

No Botequim

Oiti, oiti,
tenho raízes fincadas em ti.

Estou no meio-fio. Arrebento
a calçada junto contigo.

Se chover, corro às marquises.
Se não, sou levado pela mão à brisa da vida.

É ainda o Rio.
Há sempre uma vitrine acesa
que mostra o preço caro do perdido.

Há sempre um verão abafado,
uma sombra de oiti que não arreda o pé,
uma folha seca que estala passo a passo.

A mancha que deixo agora na orla da xícara,
o Rio deixou em mim, oiti.

Poema 'Que Só Tem o Céu, Que a Todos Cobre'

Vista assim do asfalto
mais parece uma escalada, uma lição, uma estação.

O peito – uma cuíca? Não sei tocar.

O morro toca minha pele bem estirada
que atrita no suor de sua mão e repercute sábia.

Resta o céu, na falta do chão
debaixo do seu desfile.

Candeias

A purificação da Virgem
a bala.

Na zona onde a cidade faz
finanças.

A Candelária range o bronze
do signo.

Em frente, o calçadão lavado
com sangue.

Um sangue se negando a ser
menstrual.

Matança de crias nascidas
não-nadas.

Agora que estão mortas são
visíveis.

A puta que pariu que nos
perdoe.

19 Castanheiras Mortas

Sobre o monumento às vítimas
do massacre de Eldorado dos Carajás

Não dão castanhas
como o tronco morto de fuzil dá balas.

Mas dão posse de terra:
se não invadirmos o passado,
como diremos que é nosso?

A fazenda movediça, o pasto do vento,
onde cresce a erva do dano...

Eldorado? Um dia, talvez, dos Carajás.

Daí que não dão sombra, estão ali
só para arrepiar a paisagem.

Não dão sossego ao solo onde estão
os troncos enterrados.

Orações

Sou do mundo, como todos os santos.
Minha medida não é pé-direito de apartamento
nem coluna de templo.

Prefiro cinema. Praça. *Palace*. Praia.

Não conheço controle remoto
que nos redima de amassar o pão de cada dia
e apertar a mão da meia-noite.

Não vejo augúrio no vôo invisível
do pássaro preto que bombardeia o deserto.

Não vejo espírito algum no vento
– é dele o meu rosto, a ele todo o louvor.

Não Salvar Como

O sósia não salva.

Sem ser espelho, vai rachado,
com sete anos de azar.

De mim, porque não me pertenço.

Do sócio, que não me compreende.

Deparo-me comigo a cada esquina,
mal reparo.

Digo: meu código!
E respiro sem parar.

Nem se salva.

Espantalho

Que estou fazendo
aqui, onde as aves não vêm
nem tem horta?

Ai de mim, com a palha toda arrepiada
e o remendo da boca aberto sem gritar.

Nem tanto por falta
de uma ração de espanto sob o céu.

Mas pelo meu chapéu adentro
penso: xô! – para espalhar as idéias.

Costuro sozinho meu paletó de ventania.

Às vezes vem o dono da escritura
dizendo soturno que tem a posse.

Sirvo para espantá-lo?

Vodu

Me espete aqui:

o poro da folha não é meu, mas eu sinto.

A reta da tinta não desalinha
o itinerário na palma da mão

(onde me perco, mais que na vida)

nem o rosto desse esforço
com olhos de contas e boca de feltro
é máscara rebelada do que fui ou fujo

de ser. Está livre de mim, o poema.
Eu, não, dele, de mim, do seu chumaço
e arame, do seu engenho e arte.

Me espeto aqui, se espete.

APARTAMENTOS

‘Estaba contemplando qué tormento
es este apartamiento’.

Garcilaso

Combustão

Uma cidade cercada de incêndios.

Vivemos debaixo de fuligem nesta seca.

Há muita cortesia, como se nada.

Como se as narinas não ardessem.

E os troncos acesos dessem flor.

Também agarro algum crepitar de meu.

Sob o céu amarelo, sob a lua roxa.

O Enigma de Um Dia

A estrada cola no horizonte.

Minha sombra foge. Estou perene como a ruína
sob o céu de sempre. Bem sei que é pura pintura.

E no espelho de hoje me renovo –

um traço a mais, um fio branco, um espaço maior
de entradas, sem nenhuma certeza e sem saída

além da que puder abrir
girando a chave que sonhei e que esqueci.

O olhar castanho-escuro mais escuro
e mais agudo, viajado nessa lâmina do tempo.

De Passarem Aviões

‘fiquei olhando
as sombras não, mas a memória delas’
J. de Sena

À sombra deste avião, contemplando

o instante que passou vazio
e não está mais aqui,

onde era véu e agora só há
nudez de calçada esquecida;

o ex-barulho e a algaravia familiar
das aves não, mas dos outros pastores

de aflição, na festa, no baile;

o nenhum vestígio, a sequer suspeita,
o susto algum, o inexistido
daquilo que – eu sei – existiu;

relembro a jato o bem que isso fez.

Não Vermeer

Delft!
          Da janela do trem-bala em sua fuga.

Mal espio por dentro quem se move
no xadrez do soalho, quem recebe
uma carta, quem serve o leite.

O olhar fantasma apenas atravessa
o lúcido lençol da tarde oblíqua.

Não vejo maravilha. Só percorro
um mapa na parede, não as terras
extremas dos extremos continentes.

Televisão à Janela: Parapeitos

Parei há dez anos. Por isso
não acendo um cigarro, agora que

a pomba voa e leva meu olhar noturno
deste parapeito até o vizinho, de onde

vem o luar intermitente azul,
magenta e amarelo, que confunde

a experiência pegajosa da parede
– sala, quarto ou quitinete? –

em que projeta a sombra do mundo
e tremeluz no cômodo telespectador.

Chamada

Um breve recado: respiração.

Alguém do outro lado
repercute. Apenas existe.

Fone, fio, pavio, foi
engano, e não me surpreendo.

Isto é uma gravação?

Soa só o avesso de fala
calado e mecânico.

A Voz Humana

Repete que não está
a cada chamada
ou toque.

Talvez pela sala vazia
a voz que agora ressoa
um dia recolha vestígios

do morto:

os óculos cegos, a veste
nua, o texto enfim
pronto – ex-pertences.

Ausência, quem sabe
sobrevivência.

Cama de gato

Nunca perco da meada
o embaraço.

Tenho talvez sete fios
– não sete vidas.

Mas esta vive,
enquanto me deito

na minha

cilada.

Sonhos

Todo este suor é meu,
como os meus braços.

Terei de abandoná-lo na cama
como estes sonhos.

Que continuarão dormindo,
suados, sem mim.

‘Vertigo’

Escorreguei no sonho:
um passo em falso?

Caí no corpo deitado:
um sobressalto?

Acordei (o coração
deixei) suado.

Um Corpo Que Cai (Em Si)

Caí em mim
que não estava morto.

Em mim, de minhas alturas.

Sonhava. O corpo,
soalho de emanações,
sonhava comigo.

Não sei onde estava.
Senão sobre a cama.

Deitado. Dependurado.

Hello Dolly

Retomo o fio caído
, DNA e poeira.

Sou a corrosão
do mesmo ácido.

Varro e sacrifico
meu desperdício,
meu semelhante.

Traço

Ei-lo, o Poderoso.

É só um fio de cabelo a mais (ou menos).
Tenho de esquecê-lo.

Vai, o Emancipado, solto no vento,
passeia pela cozinha, pela área,
com suas entranhas.

Que não serão as memórias
de sua terra.

Mas que dela sempre terão a forma.

Arruína

Sigo sendo o que sou
tendo um fio a menos.

Segue sendo o que sou
tendo eu a menos.

Mas enquanto me arruíno
invejo minha ruína.

Não conheço restauração
nem laboratório de recomeço.

Sou só um tipo
no seu infinito de acervos.

Basculante

Suor de parede.

Passa um vulto pelo espelho, é meu.

Paira um hálito de banho, tomei.

Sopra um remorso do dia.

Um calor que era meu e agora é estranho.

Toada

Escovar os dentes, escovar atrás
e na frente, escovar bem.

Estranho! Quando comecei
não tinha notado Tiranossaurus Rex.

Tudo era um cubo de azulejos. O sonho ainda
embaçava o espelho, e eu vivia onívoro, variado.

Só me reconheci quando ouvi a troada de Rex.

Patife

Me pego pela goela: acorda!

Abotôo à toa
a gola

a lagoa
que deixa vazar.

Sou este jarro
que espatifará um dia, de um jorro.

Uma flor em
                    cada
                              caco
do meu pescoço
                                        chinês.

Rodoviário

Acordei na outra cidade,
abro os olhos na falta de promessa.

Acordei na mesma cara,
vago, vário, rodoviário.

Esqueço o nome que me recorda
no coração ilegível.

Desço do ônibus para o dia,
vou lavar o rosto na dúvida.

Acordei sem chegar, cheguei.

Desaceleração

Reler este verso ao contrário
– ou este: nada torna atrás –
não reenrola o caminho.

Recordar é só lembrar
que existe o coração.

Pôr o olho na câmera lenta
e ouvir o ruído humano
dos batimentos do mundo.

Poema Trampolim

Ótimo —
                    de cabeça na piscina rasa deste ó.

Olho bem para o fundo na boca do mergulho.

Não acredito em forro de azulejo. *Crawl*

é de rastos, na face. Costas é de costas.

O claro maiô, a touca justa, a mera raia,

toda essa geometria para o nado...

Nada esconde o ladrão por onde a vida escoa.

E vence, ainda úmida de sua respiração.

Metamorfose

Tormenta é Boa Esperança.

Amar desempena o rochedo
amarrotado que me fossiliza.

Saio já daí! Escorrego feito limo.

Vou entre a pedra
e o risco da chuva lisa.

Crio vida no mineral destino
que agora respira.

Graças

Dou graças ao sol.

Enquanto não me congela
e enquanto se contenta

com a carícia
que não

me

carboniza.

Jogo dos Sete Erros

Por um lado:

Um homem à mesa de trabalho, entre quatro paredes precisando pintar, com o pensamento esvoaçante, que paira sobre os tantos objetos, pelos quais espalhou uma estória pessoal incompleta, mesmo sem acreditar em nada.

Mas, por outro:

O mesmo homem nada completo, precisando espalhar o pensamento pelas paredes do quarto, com uma estória à mesa, sem acreditar que pintou tantos objetos, sobre os quais um trabalho esvoaçante paira impessoal.

ÍNDICE

Primeira edição livre.

Terminou-se de gerar
em fevereiro de 2007,
na oficina da Rua Bocaina,
em São Paulo.

‘As Edições *Quem Mandou?* praticamente não existem!’

acordei na outra cidade
abro os olhos na falta de promessa.

acordei na mesma cara,
vago, vário, rodoviário.

esqueço o nome que me recorda
no coração ilegível.

desço do ônibus para o dia.
vou lavar o rosto na dúvida.

acordei sem chegar, cheguei.